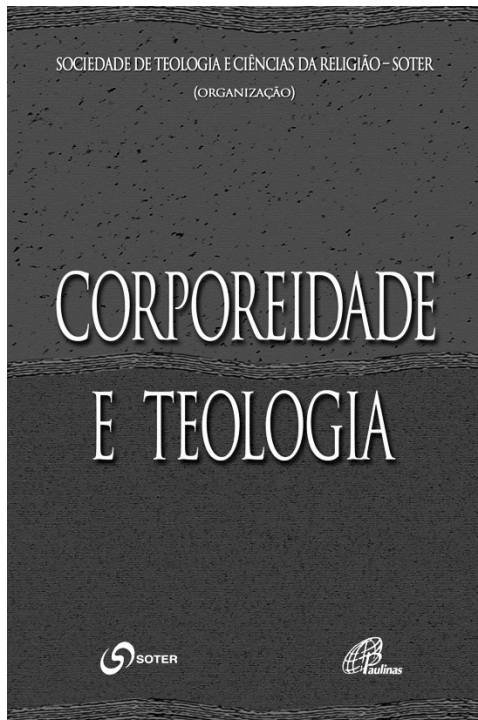


SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - SOTER -
(ORG.). **CORPOREIDADE E TEOLOGIA.**

São Paulo: SOTER/Paulinas, 2005; 302 pp. ISBN 85-356-1568-7.

A obra recolhe as conferências proferidas no Congresso da SOTER realizado em 2004. Na atualidade, nota-se um crescente interesse pelo corpo e pela corporeidade, que vêm atraindo olhares das ciências, da política e conquistando espaço em programas de ação social. Por isso, com muita razão afirmam os organizadores que “a questão da corporeidade é hoje central em nossa cultura.” (p.3) E a Teologia Latino-americana não poderia permanecer alheia a esse fato. Daí a louvável iniciativa da SOTER, em promover um Congresso sobre o tema, e das Paulinas, em editar os trabalhos no intuito de divulgá-los para um público mais amplo.



A primeira sessão da obra tem por objetivo apontar a relevância da questão no contexto atual, tarefa confiada ao teólogo José Comblin, que discorreu sobre o tema *Cristianismo e Corporeidade*. O autor expõe a tese que, na religião, o corpo serve para constituir símbolos e expressar disposições religiosas, como adoração, penitência, petição, pedido de perdão, expiação; ele é espiritualizado e se torna instrumento da ideologia penitencial. Entretanto, diz Comblin, na vida e obra de Jesus, aprendemos que o encontro com Deus não é feito por meio de atividades simbólicas, mas nas atividades materiais da vida, na corporeidade, no comer, beber, trabalhar, caminhar, ajudar, servir e, sobretudo, amar.

A segunda sessão apresenta vários olhares interdisciplinares sobre o corpo. Inicia-se com o trabalho da psicóloga Ana Maria Nicolaci-da-Costa

sobre *Corporeidade, afetividade e novas tecnologias*, que focaliza a telepresença gerada por modernos instrumentos de telecomunicação, em especial, a Internet e os celulares. Para a autora, o contato virtual pode ser tão verdadeiro quanto o físico, embora um não substitua o outro.

O olhar antropológico aparece no texto escrito por Carlos Alberto Steil, *Corpo e Cultura*: questões de antropologia cultural, que expõe a boa nova do corpo desde o ponto de vista do nativo e os ritos e crenças como outra versão da oposição entre corpo e mente.

A historiadora Maria Zilda S. de Matos, em *O corpo e a história*: ocultar, expor e analisar, indica a passagem da ocultação para a exposição do corpo, que o torna “verdadeira sensação” e “objeto de investigação, vinculado a reivindicações pelo direito do corpo e dos prazeres físicos”(p.65). A autora elabora um histórico dos vários aspectos de análise do corpo ao longo dos tempos, em especial, a partir do século XIX, dando ênfase à questão da sexualidade, do casamento, às características dos corpos femininos e masculinos e ao corpo nas tramas do poder.

Em *Modernidade, Pós-modernidade e Corporeidade*: uma visão filosófica, a professora de história da filosofia, Silvia Maria de Contaldo, descreve as vicissitudes do corpo desde o dualismo platônico até a assim chamada Pós-modernidade. Finaliza o seu percurso perguntando se ainda podemos “dar conta da nossa corporeidade num mundo em que homens e mulheres são literalmente submetidos à tirania do artificial e (des)humano”. E responde afirmativamente. “Basta compreendermos que, em meio às razões triunfantes da Modernidade e da Pós-modernidade, ainda somos saudável fragilidade, pois nossa corporeidade é nossa humanidade” (p.96).

A terceira sessão, *Perspectivas Teológicas*, inicia-se com o texto da teóloga Ivone Gebara, *Corporeidade e Gênero*: uma perspectiva ecofeminista, no qual aparecem reflexões sobre o ecofeminismo como instrumento de análise crítica da modernidade patriarcal, a noção de corpo na perspectiva ecofeminista, os corpos e a teologia cristã, finalizando com a indicação de caminhos para a construção de uma ética ecofeminista.

Leonardo Boff aborda o tema *Os corpos dos pobres*: uma visão teológica, lançando, de início, um olhar ecológico sobre o corpo; em seguida,

o autor passa a caracterizar o corpo enfermo. Em oposição aos cenários ameaçadores que revelam o estado lastimável do corpo, o teólogo reafirma a tese que perpassa o cristianismo desde a Igreja dos primórdios: “o fim dos caminhos de Deus é o corpo, corpo crucificado e ressuscitado” (p.131).

Fugindo da temática da sessão (o tema se encaixaria melhor na segunda sessão), o trabalho da antropóloga Nilma Lino Gomes focaliza a relação *Corporeidade e negritude*, expondo os seguintes tópicos: a materialidade do corpo e o corpo como construção sócio-cultural; cabelo e cor da pele: símbolos da beleza e da identidade negra; o corpo negro e a construção da identidade. Ao final, a autora reconhece que, apesar dos avanços, “ há muito que pesquisar, intervir e dialogar para que, de fato, construamos uma representação positiva sobre o povo negro, sua história e sua raça” (p.140).

Em *Corpo e sexualidade: do biológico ao virtual*, o teólogo Antônio Moser desenvolve um itinerário histórico do corpo à corporeidade, mostrando a sua negação, depois, a sua afirmação; estuda a corporeidade no enfoque de uma abordagem dialética de toda a realidade. Ao expor as relações entre sexo e sexualidade, o autor aponta o convívio tenso entre religião e sexualidade, o alargamento da reflexão ética nas últimas décadas pelo desenvolvimento das ciências, focalizando principalmente a questão do prazer, e enfrentando, as perplexidades da bioética.

Maria Inês de Castro Millen, médica, teóloga e cientista da religião e a teóloga Maria Clara Lucchetti Bingemer discorrem sobre *Corporeidade e violência: o corpo profanado*. Iniciam tratando da corporeidade e violência em perspectiva bíblica – Antigo e Novo Testamento - com ênfase no aspecto kenótico do corpo na Encarnação. No subtítulo intitulado “Jesus de Nazaré: o templo do seu corpo e o corpo em conflito”, a corporeidade humana e carnal vulnerável de Jesus é apresentada como “o lugar da presença e da manifestação de Deus, em meio à humanidade, antes localizada no templo”(p.193) Na paixão de Cristo, as autoras lêem a tragédia da destruição do corpo. Já com a vinda do Espírito Santo, a corporeidade humana redescobre novas dimensões. No subitem “corporeidade, violência e crise de paradigmas”, é caracterizada uma tipologia da violência, são indicadas as múltiplas causas desse mal, que dilacera o outro na sua corporeidade, e são expostos possíveis caminhos de superação. Entre eles, é apontada a necessidade de reabilitar

a convicção em uma “revolução cristã” capaz de desarmar a ideologia da violência, que se deve considerar como uma “patologia humana” porque abre espaço para a falsidade, para a “pseudo-inocência”, para o desejo de resolver os conflitos pela disputa, pela força do poder e das armas, pela covardia para com os mais fracos (p.226).

O teólogo Luiz Carlos Susin dá ao seu tema o título: *Isto é o meu corpo que é dado por vós*. Entre os vários tópicos, ele aborda a centralidade ou o eixo da corporeidade na espiritualidade cristã; focaliza a pessoa a partir da corporeidade: de “corpo próprio” a “corpo doado”. Trabalha dois conceitos clássicos de pessoa. Um, que acentua a individualidade ou singularidade; outro, que vê a pessoa como relação. Faz, sem seguida, uma bela articulação entre a corporeidade e as Pessoas da Trindade, dando ênfase ao Espírito Santo, que sempre foi considerado “o mais esquecido”, “o desconhecido para além do Verbo” – segundo a famosa expressão de Hans Urs von Balthasar (p.251). Susin finaliza seu trabalho discorrendo sobre Eva-Maria: o terceiro modelo de pessoa aliada ao Espírito da Vida.

A última sessão da obra, sob o título *Conclusões*, contém dois trabalhos. O primeiro, da socióloga Lúcia Ribeiro, *Corporeidade como desafio teológico na América Latina*, estuda as diversas fases do corpo na evolução da pessoa, as desigualdades sociais que se inscrevem no corpo, os meandros e a riqueza da sexualidade, as condições e as relações saúde-doença, e termina apontando as exigências cristãs, em especial, o amor, que elevam o corpo a um “lócus” teológico de encontro com Deus.

O capítulo final, do especialista em teologia moral, Marcio Fabri dos Anjos, intitula-se *O corpo no espelho da dignidade e da vulnerabilidade*. Aborda, de início, o conceito de dignidade na ética. Depois, discorre sobre a corporeidade enquanto passível de vulnerabilidade nas pesquisas científicas. No item seguinte, focaliza algumas sinalizações teológicas para a corporeidade propondo a tese que “a teologia da corporeidade converge para uma soteriologia” e que “olhar o corpo é um passo metodológico necessário para a teologia”. No último item, o autor aponta algumas argumentações ou razões em ética (razão ontológica, autônoma, funcional, anamnética, simbólica) e suas implicações no trato da corporeidade.

Este breve garimpo pelos tópicos principais da obra oferece apenas uma pálida idéia da profundidade e da riqueza do material que ela con-

tém. Hugo Assmann, em *Paradigmas educacionais e corporeidade* (3ª. Ed. Piracicaba, UNIMEP, 1995), escreve que “a corporeidade do nosso ser é a instância referencial de critérios para a educação, para a política, para a economia e inclusive para a religião” (p.91). Mais adiante, referindo-se especificamente à educação, ele faz uma afirmação categórica: “o corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica. Em outras palavras: somente uma teoria da Corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica” (p.113). Poderíamos afirmar o mesmo com relação ao saber e à práxis teológica e às ciências da religião? Embora os escritos da obra, que resenhamos, não cheguem explicitamente a essa conclusão, parece-me que as ricas análises teológicas e os olhares multidisciplinares, que ela contém, apontam nessa direção.

José J. Queiroz